



O cacique Raoni reuniu ontem as lideranças indígenas do Xingu, que ameaçam represálias se suas reivindicações não forem atendidas

Txucarramaê ameaçam com represálias

MEMÉLIA MOREIRA

Enviada especial à Aldeia Cretire

Ainda sem uma resposta oficial para suas reivindicações, entre elas a demarcação de uma faixa de 40 quilômetros entre as fazendas e a margem direita do rio Xingu, os Txucarramaê voltam a acenar com o recrudescimento do conflito. Dessa vez, ele ocorrerá se a Funai tomar qualquer medida contra o antropólogo Cláudio Romero, diretor do Parque Indígena do Xingu. Romero não merece a confiança do presidente da Funai, Ferreira Lima, mas é querido pelos índios.

Informados da acusação que pesa contra Romero (ele estaria insuflando os índios, segundo a Assessoria de Segurança e Informação da Funai e o presidente), os txucarramaê reafirmam sua disposição de defender o antropólogo que foi escolhido pelos próprios caciques para dirigir o parque.

"Funai não pode chegar e tirar quem quer. Não pode colocar outro no lugar sem conversar com a gente. Aqui é nossa casa. Nós escolhemos o Cláudio e ele vai ficar aqui. Se tirarem, vão ver o que nós podemos fazer", falou em tom ameaçador o

cacique Raoni, aplaudido pelos demais chefes que se concentram na aldeia Cretire.

Ninguém é criança

Enquanto Raoni reclama contra a disposição do presidente da Funai em punir Romero, a liderança jovem do Xingu protesta porque a cada movimento rebelde ocorrido em área indígena, a Funai logo procura o insuflador. Mairauê, Cajabi, Moicara, Megaron e Wai-Wai, dos Txucarramaê, e Ianuculá, dos uialapiti, não suportam mais a idéia preconceituosa dos brancos, segundo a qual, os índios não sabem agir por conta própria.

"Aqui ninguém é criança. Nós aprendemos a língua do branco para defender nossa terra. A gente sabe pensar sozinho e não adianta dizerem que têm outras pessoas mandando a gente fazer essa coisa toda. Por que ele (o presidente) não vem aqui para saber se é preciso mesmo alguém mandar a gente fazer? Ele não sabe defender a casa dele? Nós sabemos defender nossa terra", disse Megaron, o futuro cacique Txucarramaê.

Megaron lembra antigas histórias de resistências do caiapó, quando

"nem existia Funai, nem SPI (Serviço de Proteção ao Índio, extinto em 1967), só nós contra castanheiro, gateiro (caçador de peles). Não tinha ninguém do nosso lado e a gente fazia guerra. Guerra mesmo, com arco, flexa e borduna", afirma o líder.

O fato é que os índios não estão dispostos a engulir determinações da Funai que não sejam aceitas por toda a comunidade. Tanto é que eles proibiram o pouso dos aviões do órgão, porque não aceitam a maioria de seus pilotos. Raoni só permitirá o pouso dos aviões que sejam pilotados pelo índio Marcos Terena ou por Mauro Fonseca, que contam com a confiança dos txucarramaê. "O resto disse Raoni - não presta. É tudo gente que vem espiar o que nós estamos fazendo e contar para presidente".

Diffícil vai ser o atendimento de mais esta reivindicação, pois o presidente da Funai acaba de transferir o piloto Marcos Terena de Brasília para Marabá (PA). Terena concedeu uma entrevista criticando o comportamento de Ferreira Lima e foi punido com a transferência.

Sem cigarros

Os reféns continuam na aldeia. Sem

cigarros e apenas com a roupa do corpo, que foi emprestada pelos índios, eles pediram aos jornalistas que transmitissem informações às suas famílias, dizendo que estão bem. Presos há quatro dias, eles só serão liberados se as exigências feitas pelos xinguanos forem atendidas.

Não bastasse a falta de cigarros, que sempre enganam a fome, os reféns repartem com os índios a escassez de alimentos. Não há peixe e, como estão em guerra, os homens não saem para caçar. O feijão e o arroz também estão acabando e os txucarramaê ainda não decidiram se deixam seus reféns em completo jejum. "Eles não são culpados - diz Grumari -, mas é para aprender a não enganar a nós. Para o presidente da Funai saber que ele chama polícia para receber índio e a gente prende os funcionários".

Ontem de manhã, o ministro do Interior, Mário Andreazza, reuniu-se com o ministro Danilo Venturini, dos Assuntos Fundiários. Até o final da tarde não havia qualquer definição sobre a situação no Xingu. Apenas boatos sobre a possibilidade de intervenção na área do conflito.

Funai isola reserva para presos saírem

Da Sucursal de Brasília

O presidente da Funai, Otávio Ferreira Lima, assinou ontem portaria interditando 15 quilômetros na margem direita do rio Xingu e isolando assim a reserva indígena das 25 fazendas que a cercam. Ferreira Lima admitiu que sua decisão foi tomada em virtude da situação precária em que se encontram os três funcionários da Funai presos pelos índios.

Após receber um comunicado sobre a situação de Sidnei Possuelo, Lamartine Ribeiro e Carlos Grossi, reféns dos txucarramaê, o presidente da Funai assinou a portaria interditando a área e, consequentemente, proibindo a presença de brancos dentro da faixa de 15 quilômetros. Espera o presidente que os índios liberem os presos.

Diz a portaria: "Considerando que os precedentes dos costumes e tradições do grupo Txucarramaê autorizam a crer nos riscos de vida a que estão expostos os reféns...", resolve interditar a área de terras localizada na margem direita do rio Xingu". Seguem-se então as coordenadas geográficas da área.

Determina ainda a portaria a proibição do "ingresso na área ora interditada, de não índios, sem expressa autorização da Funai". Na área interditada, não há benfeitorias e, provavelmente, o grupo de trabalho integrado pelos ministérios do Interior, Assuntos Fundiários e Funai, decida não indenizar os fazendeiros atingidos, com base na Constituição Federal.

Descontraído, brincando e com o apoio de sua esposa que o beijou, o presidente da Funai admitiu ainda o afastamento do diretor do Parque Indígena do Xingu, Cláudio Romero.